

Criação de uma Política de Mercado da Informação na Comunidade Europeia

C. JANSEN VAN ROSENDAAL

Director da Direcção de «Gestão da Informação»
Direcção-Geral do «Mercado da Informação e Inovação»
Comissão das Comunidades Europeias

Senhores e Senhoras, agradeço-vos darem-me a honra de vos fazer hoje esta apresentação.

Nas minhas palavras tentarei fazer uma breve descrição das principais actividades da Comissão das Comunidades Europeias, no que se refere ao mercado da informação e expor as razões das opções tomadas.

- A importância da informação para as economias do mundo ocidental é incontestada. A sua acessibilidade a tempo e a baixo preço torna-a um motor da inovação e, portanto, uma força impulsionadora, por si só, do desenvolvimento económico e social. Este facto é particularmente importante para a Europa onde se pode dizer que ela é uma das suas poucas matérias renováveis. Mas, a informação não é apenas um bem económico; ela tem, também, valor político-estratégico, cultural e educacional o que aumenta a sua importância.

Mas, no contexto que hoje nos interessa, concentrar-me-ei nos aspectos económicos e restringir-me-ei ao âmbito da informação profissional.

- É um facto geralmente aceite que, para a competitividade da nossa indústria europeia é de importância crucial que esteja disponível:
 - a informação certa;
 - no momento certo;
 - na forma certa;
 - no local certo.

O problema não é a falta de informação mas a maneira como ela é tratada, de modo a corresponder às necessidades do utilizador da informação profissional.

— A quantidade de informação hoje produzida é enorme, a velocidade do seu crescimento segue uma lei logarítmica, frequentemente, a informação já está obsoleta no momento em que é tornada acessível, a sua complexidade dificulta o acesso.

Fornecimento de informação adequada sem o recurso às novas tecnologias da informação é praticamente impensável.

— Durante as últimas décadas a nossa economia tem-se confrontado de forma crescente com os progressos das novas tecnologias da informação. Esses progressos estão influenciando fortemente não só a nossa economia mas também a nossa sociedade, como um todo, e continuarão a fazê-lo ainda durante algum tempo, oferecendo ao mesmo tempo novas oportunidades e novas ameaças.

— Entre as oportunidades incluem-se a criação de empregos, a abertura de novos mercados e o uso das suas potencialidades para aumentar a eficiência. Saliente, por exemplo, que dos dois milhões de empregos recentemente criados nos Estados Unidos da América, cerca de 80 % o foram em actividades relacionadas com informação.

— Quanto às ameaças, elas não são novas. Todos conhecemos a expressão «inventado na Europa, patenteado nos EUA, produzido no Japão». O atraso tecnológico da Europa em relação aos EUA, por um lado e dos EUA em relação ao Japão, por outro, aumenta constantemente. Apenas um número para ilustrar esta afirmação: a balança comercial da Comunidade Europeia, no campo da electrónica, apresenta um deficit de duzentos MECU * em 1970, crescendo para cerca de dez mil milhões de ECU actualmente. Repare-se no que sucede com o mercado de gravadores vídeo e de calculadoras!

— O desenvolvimento do mercado segue a conhecida curva em S semelhante à da introdução do telefone, do automóvel, da rádio e dos computadores: início lento, período de crescimento acelerado, estabilização quando se atinge a maturidade do produto.

A diferença em relação a desenvolvimentos anteriores reside no facto do intervalo de tempo entre o início e a estabilização ser sucessivamente mais curto. O telefone levou bem mais de cinquenta anos. Mas há dez anos não havia computadores pessoais; hoje eles têm um mercado de mais de vinte milhares de MECU, alimentado por cento e sessenta fabricantes.

— A capacidade da Europa para se adaptar a esta velocidade crescente é motivo para preocupação!

Isto é certamente verdade para a indústria da informação. A Europa tem uma indústria da informação tradicional forte e

* 1 MECU = 1 milhão de ECU

saudável que pode enfrentar qualquer comparação com os seus competidores extra-europeus. Com tradicional quero dizer: no que respeita à informação sobre suporte de papel. Trabalham na indústria europeia de impressão e publicação mais de um milhão de pessoas e lucros anuais superiores a quarenta milhares de MECU.

— Mas, quando olhamos para a aplicação das novas tecnologias da informação, obtemos um quadro diferente e bem mais negativo. É claro que há várias razões para esta situação: a falta da necessária «economia de escala» dos nossos mercados é uma delas.

O Mercado da Informação

Gostaria de apresentar aqui alguns números e características do mercado da informação:

EUROPA: mercados relativamente pequenos e fragmentados, 9 línguas diferentes (dentro da Comunidade), papel importante dos governos na aplicação das novas tecnologias da informação.

EUA: grande mercado homogéneo, uma única língua, filosofia empresarial.

EUROPA: mais de mil bases de dados com muitas sobreposições, mais de cinquenta centros distribuidores (hosts). Muitos utilizadores consideram que a situação referente ao fornecimento confunde e não facilita a utilização.

EUA: mais de mil e quinhentas bases de dados, menor sobreposição, menos centros distribuidores, grande facilidade de utilização. Rendimento por bases de dados, seis vezes maior do que na Europa.

Na Europa o sector público e não-lucrativo subsidia ou produz 75 % das bases de dados, nos EUA apenas 25 %.

O mercado da informação com utilização de meios electrónicos tem hoje um volume de negócios na Europa inferior a trezentos MECU e nos EUA superior a 1,4 milhares de MECU. A taxa de crescimento na Europa e nos Estados Unidos é de 25-30 % ao ano.

Aproximadamente 50 % da utilização de sistemas em linha por europeus é feita em serviços dos EUA.

— Embora seja difícil encontrar bons indicadores estatísticos, o facto é que todas as tendências conhecidas ou que poderíamos construir evidenciam o mesmo modelo: o atraso crescente da Europa relativamente aos seus competidores americanos, no que respeita à aplicação das novas tecnologias da informação no mercado da informação.

A crescente dependência dos fornecedores de informação americanos em consequência desta situação preocupa-nos cada vez mais. Um exemplo claro do que se passa é o do sector dos ser-

viços de informação financeira. Durante o último semestre de 1985, na Europa, a parcela de mercado europeu pertencente aos fornecedores europeus de informação caiu de 65 % para 45 % em virtude da penetração de firmas americanas. E várias instituições financeiras japonesas estão a colocar-se em posição de obter uma parcela deste mercado europeu, em crescimento acelerado.

- Atendendo à importância da informação para a nossa economia, à fragmentação do mercado, à correspondente hesitação da indústria europeia de informação e à crescente dependência dos fornecedores extra-europeus, a Comissão das Comunidades Europeias está a tomar medidas, em cooperação com os Estados Membros, para melhorar o mercado da informação na Europa.
- Neste campo a Comissão tem duas abordagens diferentes:

apoio e estímulo da indústria da informação, complementar da acção desenvolvida pelos próprios Estados Membros. Em particular: apoio e estímulo de actividades inovadoras;

clima propício ao investimento, ou, por outras palavras, melhoramento das condições gerais do mercado na Comunidade (pela harmonização de práticas e regulamentos), removendo barreiras comerciais.

Apoio e estímulo da indústria da informação

O apoio e o estímulo da indústria da informação, tem tido lugar no âmbito de quatro programas de acção (sucessivos), dos quais o primeiro começou há dez anos. Deles dou a seguir uma breve visão das principais realizações e actividades.

- Em cooperação com um consórcio de Correios e Telecomunicações Europeus, a Comissão criou a EURONET, rede europeia de transmissão de dados. Foi inaugurada em 1980 e cobre catorze países europeus. Durante os cinco anos da sua existência proporcionou o acesso a mais de 600 bases de dados através da EURONET-DIANE. A função da EURONET foi recentemente assumida, tal como fora planeado, pela interconexão das redes nacionais de cada país europeu.
- Durante o mesmo período, a Comissão participou na criação de mais de 50 novos serviços electrónicos de informação.
- No campo da edição electrónica e do fornecimento de documentos, a Comissão, em conjunto com outras 40 instituições públicas e privadas, está a financiar e a coordenar 10 projectos-piloto diferentes. Mais de um milhão de páginas de texto integral, incluindo gráficos e complexas fórmulas químicas e matemáticas

são armazenadas e transmitidas electronicamente para grupos de utilizadores em todos os Estados Membros.

- No projecto TRANSDOC F.E. 100 revistas científicas estão armazenadas, da primeira à última página, em disco óptico e num novo sistema de microficha, com vista ao fornecimento electrónico de documentos. 80 casas editoras concordaram, no âmbito do projecto TRANSDOC, em testar um inovador centro receptor/difusor (clearinghouse) em matéria de direitos de autor (copyright).
- Em cooperação com a Grécia, a Irlanda e a Itália, a Comissão está a estabelecer três serviços de informação agrária utilizando o videotex.
- Recentemente a Comissão celebrou um contrato com a Agência Espacial Europeia e EUTELSAT para arrancar com o projecto APOLLO. Este projecto-piloto diz essencialmente respeito ao fornecimento de documentos por satélite.

No programa quinzenal em curso a Comissão está concentrada nas seguintes prioridades:

- informação sobre patentes;
- propriedades dos materiais;
- informação para a indústria e investigação;
- bibliotecas;
- informação biotecnológica;
- terceira geração de serviços de informação.

Clima propício ao investimento

A nossa segunda actividade principal é o desenvolvimento de uma política comum do mercado da informação. Actualmente a Comissão está a investigar a necessidade de formular um quadro político para o desenvolvimento de um mercado da informação da Comunidade.

A ideia dominante tem dois aspectos:

1. Remoção de barreiras desnecessárias aos intervenientes no mercado da informação;
2. Formulação de várias «regras de jogo» aceites por todos.

Até agora tornou-se evidente que certas questões têm uma particular actualidade. Entre estas figuram:

- O papel dos sectores público e privado na produção e distribuição de informação.

- Questões legais relacionadas com o mercado da informação, tais como: impostos sobre os serviços de informação, «copyright», responsabilidade em caso de informação incorrecta, protecção dos dados e, de uma forma mais geral, o risco de existência de legislação divergente nos Estados Membros.
- Influência das políticas dos correios e telecomunicações no mercado da informação.
- Os aspectos internacionais do mercado da informação, tais como: problemas de fluxo de dados transfronteiras (OCDE) e as discussões futuras sobre serviços de informação no âmbito do GATT.

A criação de um mercado comum de serviços de informação é uma condição necessária para obter as economias de escala necessárias ao desenvolvimento de uma indústria europeia da informação saudável.

A Comissão, baseada num documento de trabalho (Doc. Sec. 128 de 15 de Fevereiro de 1985), iniciou consultas extensas, através de «workshops», debates e visitas aos Estados Membros no sentido de alcançar um desenvolvimento gradual para uma política comum de mercado da informação.

A terceira geração dos serviços de informação

O último tópico sobre o qual gostaria de falar hoje é a evolução para a terceira geração de serviços de informação.

- Uma queixa comum dos produtores de bases de dados e dos centros distribuidores é o baixo nível de utilização que se verifica na Europa. Apenas para ilustrar este facto: CELEX (base de dados sobre leis comunitárias) tem neste momento 123 assinantes e ECDIN (toxicologia do ambiente) 350.
- A razão é simples: o modo de acesso a estas bases de dados é tão complexo e de difícil utilização que o vulgar profissional que precisa de informação para melhor actuar no seu trabalho, tem dificuldade em se adaptar a ele.
- O número total de bases de dados de origem europeia, acessíveis ao público, é aproximadamente 1000. Pode afirmar-se sem exagero que quase todas apenas podem ser usadas pelos chamados «utilizadores especializados». O número total de utilizadores especializados existentes na comunidade está estimado em, mais ou menos, 50 000, em 1985.
- Na realidade, os serviços de informação electrónicos ainda estão na sua infância. E tal como sucedeu com toda a tecnologia na sua infância, também os serviços de informação electrónicos têm estado até agora reservados às grandes indústrias e instituições.

Este pequeno mercado de elite tem os meios e o «know-how» que lhe permite dispor de especialistas capazes de lidar com sistemas informáticos complexos.

- É típico da quase totalidade dos serviços de informação electrónicos serem baseados no princípio «GET» o que quer dizer que o utilizador tem de saber exactamente o que quer e onde pode obtê-lo.
- As indústrias e as instituições mais pequenas, ou melhor dizendo, os vulgares profissionais — que são a maioria na nossa sociedade — estão numa situação desfavorecida. Na sua maioria estão apenas parcialmente conscientes das suas próprias necessidades de informação e isto em conjunto com a falta de conhecimentos especializados — sobre serviços disponíveis, línguas estrangeiras e sobre técnicas de pesquisa — faz com que até agora eles pouco tenham utilizado estes novos serviços.
- A maioria dos vulgares profissionais ainda resolve os seus problemas de informação por recurso à imprensa comercial e técnica, aos fornecedores, a exposições, etc. Fontes de informação úteis, mas de modo nenhum suficientes.
- É nossa opinião que chegou a altura desta situação de carência de informação ser modificada pela criação de serviços de informação electrónicos baseados no princípio «BRING».

Os serviços de informação — os chamados serviços de informação da terceira geração — que podem fornecer a cada utilizador uma informação adaptada às suas necessidades específicas.

- Antes de descrever a tipologia penso que será útil explicar o que entendo por serviços de informação da primeira, segunda e terceira gerações.
- É característica dos serviços de bases de dados da segunda geração serem geralmente especializados em determinado assunto, aspirando cobrir esse campo completamente. Aparte as frequentes dificuldades de acesso, a complexidade da estrutura do conteúdo torna-as em princípio fundamentalmente importantes para os especialistas no assunto coberto.
- Os serviços de informação da terceira geração são de natureza completamente diferente. Visam o profissional vulgar, não especialista da informação.

Este profissional vulgar, seja ele um membro do Governo ou do Parlamento, um gestor de uma empresa, etc., tem normalmente um perfil de informação composto, por exemplo:

Agendas de reuniões e sua documentação;

Organigramas de organizações nas quais e com as quais trabalha;

SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO EM LINHA			
DESCRIÇÃO	1. ^a GERAÇÃO	2. ^a GERAÇÃO	3. ^a GERAÇÃO
	Bibliográficos	Numéricos e factuais	Serviços de informação completos
Actividade do produtor de informação	5 %	15 %	70/85 %
Actividade do utilizador	95 %	85 %	15/30 %
Características	<ul style="list-style-type: none"> — apenas utilizável por especialistas — acesso ao documento importante — essencialmente índices informatizados — o utilizador tem de saber exactamente o que pretende saber — informação especializada por assuntos 	<ul style="list-style-type: none"> — apenas utilizável por especialistas — acesso ao documento não muito importante — essencialmente dados gerais brutos básicos, sob a forma de dados numéricos ou factuais, parcialmente em texto completo — o utilizador tem de saber exactamente o que pretende saber — informação especializada por assuntos 	<ul style="list-style-type: none"> — criada para os utilizadores não-especializados — acesso ao documento quase sem importância — informação seleccionada, manipulada, traduzida, analisada, combinada, dirigida ao perfil do grupo de utilizadores — o produtor de informação cria um produto baseado no conhecimento profundo e pormenorizado das necessidades de informação do grupo-alvo, senão o utilizador é mais passivo a este respeito — informação especializada por perfil de interesses (por grupo-alvo)

- Planos políticos, pontos de vista, decisões;
- Aspectos legais relacionados com a sua actividade;
- Informação de mercados, etc. ...
- Resumos de programas, quadros de planeamento;
- Certas estatísticas;
- Informação financeira e orçamental;

Necessitam na sua maioria apenas do essencial e este sob uma forma de «fácil consumo». O seu maior problema é acima de tudo encontrar e seleccionar os poucos elementos que lhe interessam, a partir de uma enorme quantidade de informação disponível. Grande parte do tempo das secretárias e outros elementos do pessoal é consumido a organizar e coligir este tipo de informação a partir de uma grande variedade de fontes.

- A terceira geração de serviços de informação tem por objectivo ajudar a resolver parte deste problema através de:

- criação de vários serviços de informação compostos;
- utilização das possibilidades das novas tecnologias da informação em aplicações simples e fáceis de utilizar;
- ir ao encontro das necessidades de vários grupos-alvo com perfis de necessidade de informação mais ou menos homogéneos.

- Espera-se que cresça acentuadamente nas próximas décadas o desenvolvimento de serviços de informação da terceira geração. Um número crescente de intervenientes na indústria da informação está convencido de que este desenvolvimento provocará um salto do número relativamente pequeno dos chamados «utilizadores de elite» para o número várias ordens de grandeza superior, de vulgares profissionais, seguido do alargamento aos utilizadores particulares.

O equipamento necessário (hardware) e as possibilidades do software desenvolver-se-ão certamente mais, mas existem já actualmente. O que é crucial é o desenvolvimento de produtos de informação adequados e neste campo estamos apenas no início. Desenvolvimentos tais como em França com o Minitel (750 000 terminais) são exemplos de expansão pelo que se refere ao equipamento.

- Deve notar-se que a terceira geração não significa automaticamente limitação apenas às aplicações em linha, e que a primeira e a segunda gerações não deverão tornar-se menos importantes.
- Para terminar e a fim de evitar mal-entendidos: não acredito um só momento que a função do papel como suporte de informação desapareça durante as próximas décadas. Os novos media com-

plementarão os tradicionais, mas não os substituirão. Acentuarão a importância da indústria da informação, em benefício tanto das pessoas que trabalham nesse sector como dos utilizadores da informação.

Agradeço a atenção que me dispensaram.